



MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
Sua Exa. Kevin Rudd MP

DECLARAÇÃO AUSTRALIANA

**REUNIÃO PLENÁRIA DE ALTO NÍVEL DA
ASSEMBLEIA-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS
(CIMEIRA DOS OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO)**

**NOVA IORQUE
22 DE SETEMBRO DE 2010**

VERIFICAR NA ALTURA DA DISTRIBUIÇÃO

Como nações, temos a responsabilidade de fazer aquilo que dizemos que vamos fazer.

Uma responsabilidade de cumprir as nossas promessas aos outros Países Membros.

Uma responsabilidade de transformar os compromissos solenemente assumidos nesta magnífica sala em acções concretas que mudem as vidas dos mais pobres dos pobres através do mundo.

Há uma década, as nações do mundo, nós, reunimo-nos aqui para oferecer aos pobres do mundo uma participação mais justa no futuro do mundo.

Uma década mais tarde, reunimo-nos novamente para fazer um balanço.

Para celebrar aquilo que já fizemos.

Mas também para admitirmos honestamente em que é que fracassamos.

Quero começar com a história de duas crianças.

A primeira é uma jovem menina que conheci na Segunda-feira, aqui em Nova Iorque.

O seu nome é Nthabiseng.

Ela nasceu no Soweto.

Nthabiseng é uma bela menina com o mais brilhante dos sorrisos. Ela tem 12 anos. Mas, quando tinha sete anos, a mãe dela morreu.

Normalmente, isto tê-la-ia condenado a uma vida de pobreza.

Mas Nthabiseng estava decidida a obter uma educação.

Ela disse, “quando as crianças têm de parar de frequentar a escola, elas perdem o seu futuro e o seu amanhã.” Hoje, ela está a progredir na escola e tem um futuro muito brilhante.

Crianças como a Nthabiseng beneficiarão do programa Um Objectivo da ONU que procura tornar a educação numa realidade para todas as crianças no mundo, não apenas algumas.

A segunda história é de um jovem rapaz que nunca esteve em Nova Iorque.

Ele também perdeu a mãe – ela morreu no parto.

A sua família sobrevive com dificuldades nas favelas de uma das megacidades do mundo em desenvolvimento, não distante dos arranha-céus do seu próspero distrito financeiro.

O pequeno rapaz passa os seus dias, não na escolar, mas tráfico da cidade, mendigando uns trocados junto às janelas dos carros quando os carros param nos semáforos.

Todos nós o vimos nas nossas viagens.

Eu não lhe dei um nome.

Ele tem milhares de nomes.

E neste preciso momento, ele está sem esperança.

Porquê é que eu conto estas histórias?

Porque elas são a expressão humana do que acontece quando o mundo age com compaixão e quando ele não o faz.

A primeira história inspira-nos para mais acção.

A segunda história deveria tornar-nos decididos a agir por todos.

No virar do milénio, nós os países membros das Nações Unidas, fizemos um pacto entre nós.

Dissemos que iríamos pôr mãos à obra para tirar um bilião de pessoas da pobreza.

E dissemos que seríamos avaliados quanto a esses Objectivos de Desenvolvimento do Milénio em 2015.

Reduzir a pobreza e a fome pela metade.

Dar a todas as meninas e meninos a oportunidade de uma boa educação.

Reduzir bastante o número de mulheres que morrem no parto e de crianças que morrem de doenças facilmente evitáveis.

Promover a igualdade entre os sexos e dar poder às mulheres.

Combater o VIH / SIDA.

Garantir a sustentabilidade global.

E estabelecer uma parceria para desenvolvimento.

Passados dez anos, chegou o momento de fazer o balanço do nosso progresso.

A verdade é que ainda não estamos em condições de registar nem um mínimo de pontuação favorável.

Sucessos em algumas áreas – redução da pobreza e matrículas nas escolas, devem ser contrabalançados com os fracassos em outras áreas – incluindo saúde materna e nutrição infantil.

Os nossos fracassos têm atraído críticas evidentes; aqueles que dizem que a ajuda internacional não funciona; que é desperdiçada; que é mal gerida; que não vale a pena.

Esta não é a opinião da Austrália.

A nossa opinião é que os mais ricos entre nós têm uma grande responsabilidade de ajudar os membros mais pobres da família humana a sair da pobreza.

A pobreza é degradante.

A pobreza é desumana.

A pobreza destrói a dignidade humana.

Conforme o Secretário-Geral lembrou-nos no seu relatório “Manter a Promessa”, os ODM são uma expressão dos direitos humanos básicos, os direitos de todos a boa saúde, educação e abrigo.

Creio que estas verdades são auto-evidentes.

Mas para aqueles que duvidam que existe alguma verdade auto-evidente no conceito da justiça social, devem considerar isto.

A eliminação da pobreza extrema promove o crescimento global para todos.

Faz crescer o bolo global.

Desenvolve os negócios e o investimento.

Cria empregos.

Age contra o radicalismo político e religioso.

Cria a paz.

Aumenta a estabilidade.

E reduz a movimentação perigosa, irregular de pessoas ao redor do mundo.

Em outras palavras, a eliminação da pobreza extrema é um benefício para toda a família humana.

E é bom para todas as nações.

Como membros da família das nações, não podemos ficar de braços cruzados enquanto 70 milhões de crianças não podem frequentar a escola.

Não podemos ficar de braços cruzados quando centenas de milhares de mulheres morrem de parto – uma estimativa de 358.000 há dois anos.

Nem podemos ficar de braços cruzados enquanto as doenças infecciosas devastam as comunidades mais pobres.

E o facto aterrador é que mais de metade dos 800 milhões de pessoas nos países menos desenvolvidos do mundo ainda estão a viver em extrema pobreza.

Vamos ser honestos.

Os países dadores fizeram compromissos que não cumpriram.

Por exemplo, menos de metade do financiamento prometido à África há cinco anos na declaração de Gleneagles do G8 foi entregue.

A solução não é adiar os nossos compromissos ainda mais no futuro, e também não é simplesmente varrê-los silenciosamente debaixo do tapete internacional.

A solução é fazermos aquilo que dissemos que iríamos fazer; honrar os nossos compromissos, mesmo quando a situação da economia global é difícil porque para os mais pobres dos pobres, ela é ainda mais difícil.

É isto o que a Austrália pretende fazer.

Há alguns anos, a meio da data-limite de 2015, vimos que os nossos esforços não eram suficientes.

Percebemos que tínhamos de fazer muito mais.

Hoje, o orçamento para ajuda da Austrália é o dobro do que era em 2005 – incluindo um aumento de 200 por cento na nossa ajuda somente para a África.

Até 2015, baseado nas previsões actuais, o nosso orçamento para ajuda duplicará novamente.

Isto fará da Austrália o país dador de mais rápido crescimento da OCDE.

E temos cumprido o nosso compromisso apesar dos impactos da crise financeira.

O Governo de Gillard coloca os ODM no âmago do nosso programa de ajuda.

Estabelecemos Parcerias para o Desenvolvimento com onze países das Ilhas do Pacífico.

A nível regional, o Acordo de Cairns para o Fortalecimento de Cooperação para o Desenvolvimento, assinado em 2009, assegura que todos os parceiros de desenvolvimento agem em concordância para ajudar a alcançar os ODM com os nossos vizinhos das Ilhas do Pacífico.

Ontem, assisti à sessão especial da Cimeira sobre os países menos desenvolvidos.

Falei ali sobre as necessidades particulares dos 49 países menos desenvolvidos – quinze dos quais encontram-se na nossa própria região e 33 dos quais ficam na África. A nossa primeira prioridade devem ser essas pessoas – os mais pobres dos pobres.

À medida que o programa de ajuda da Austrália duplica no decorrer dos próximos cinco anos, nós aumentaremos o nosso apoio a esses países menos desenvolvidos.

Hoje, crio um compromisso para a Austrália de trabalhar no sentido de oferecer 0,15 por cento do nosso Produto Interno Bruto em ajuda aos países menos desenvolvidos, em conformidade com as metas internacionais.

Ao longo do nosso programa de ajuda para o desenvolvimento no estrangeiro, a Austrália prevê atribuir A\$5 biliões para a educação, desde o presente até 2015.

A\$1,6 biliões para a saúde das mulheres e das crianças.

A\$1,8 biliões para a segurança alimentar.

E A\$1,2 biliões para a acção para a adaptação às alterações climáticas e mitigação nos países desenvolvidos, incluindo os 39 pequenos países insulares em desenvolvimento que estão mais expostos a, mas menos responsáveis por, essa grande ameaça ao nosso planeta.

A Austrália também trabalhará para abrir novos mercados mundiais aos países menos desenvolvidos para possibilitar comércio, negócios e investimentos privados a fim de ajudar a tirar esses países da pobreza.

Tudo isto foi possibilitado por medidas de governança necessárias que fornecem transparência e prestação de contas. Estes são os pontos de apoio necessários para o desenvolvimento.

Comecei com a história de duas crianças, uma com oportunidades e a outra sem elas.

O povo australiano, por instinto, deseja que todas as crianças do mundo tenham uma oportunidade justa (fair go).

Através dos seus generosos donativos e através do programa oficial de ajuda que financiam com os seus impostos, os australianos querem proporcionar oportunidades para que todas as pessoas do mundo tenham vidas decentes.

As ONGs australianas estão activas ao redor do mundo – as ONGs incluindo World Vision, Oxfam, Caritas, ChildFund, Plan International, A Cruz Vermelha e Fundação de Oaktree.

Permitam-me que conclua citando uma terceira criança – desta vez, uma jovem australiana.

Ela é uma jovem menina de 10 anos.

Ela escreveu-me o seguinte:

"Penso que as crianças dos outros países têm os mesmos direitos das crianças aqui – sim, é verdade. As crianças em toda a parte deviam ter as mesmas coisas que nós temos – como bons professores, médicos, casas e água limpa."

Os governos do mundo não podem desiludir as crianças do mundo.

A necessidade é evidente.

Os objectivos são claros.

As políticas são claras.

E a hora é certa.

Tudo o que ficou por esclarecer é se os governos do mundo estão a falar a sério.

Um bilião de pobres no mundo não tem outra opção senão esperar que nós o façamos.

Se quisermos reformar esta grande organização – estas Nações Unidas – este parlamento da humanidade – não devemos começar por mais um plano grandioso.

Devemos simplesmente começar por fazer aquilo que dizemos que vamos fazer.

Nós na Austrália queremos fazer precisamente isto.

Desempenhar o nosso papel para concretizar estes Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

Fazer a diferença para os pobres do mundo.

FIM